

**CONDIÇÕES**  
Assinatura mensal nesta cidade . . . \$ 1.20  
PARA FORA  
Trimestre . . . \$ 4.50  
Semestre . . . \$ 8.00  
Anno . . . \$ 15.00  
Número do dia . . . 0.10  
atrasado . . . 0.20  
As assinaturas devem sempre concluir no fim de Março, Junho, Setembro e Dezembro, podendo comprar em qualquer dia.  
A correspondência deve ser dirigida ao Director e entregue ao seu escritório no dia da entrega do correio.  
Pagamento adiantado

# A PATRIA

Orgão dos interesses da Colonia Brasileira no Rio da Prata

**ADMINISTRAÇÃO**  
NA  
RUA DA FLORIDA NUMERO 89  
Recobrem-se annuncios e apellidos. Ostarigos de latim e grego serão publicados gratuitamente.  
REDACTOR—ANTONIO OLIVEIRA  
ASSIGNATURA E SELLO PARA O BRASIL  
Semestre (moeda papel) réis . . . 10\$00  
Anno . . . 36\$000  
Pagamento adiantado

SOCIEDADE ANONYMA

DIRECTOR: CASSIO A. FARINHA

DIARIO DA MANHÃ

## AGENTES N. A. CAMPAÑA E EXTERIOR

| LOCALIDADES                             | NOME DOS AGENTES                                                                  |
|-----------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|
| Alegrete . . . . .                      | Freitas Valle & Jacques.                                                          |
| Arapehy . . . . .                       | Antonio Macedonio.                                                                |
| Arroio Malo e Clara . . . . .           | Francisco Formoso.                                                                |
| Arroio Grande (Pay) . . . . .           | Manuel Pereira Brasil.                                                            |
| Arerungá (Salto) . . . . .              | Fernando Riet.                                                                    |
| Ariguan . . . . .                       | Ismael Velasquez.                                                                 |
| Baço . . . . .                          | João Pelel.                                                                       |
| Balmimoro (Estados Unidos) . . . . .    | A. Vogeler & Ca.                                                                  |
| Buenos Aires . . . . .                  | Evaristo Texeira—Rua Florida núm. 361.                                            |
| Caraguatá (Taquib) . . . . .            | Agostinho Palma.                                                                  |
| Caniñaba Brava (Cerro Largo) . . . . .  | Marques & Machado.                                                                |
| Cerro Largo . . . . .                   | Carlos R. de Oliveira.                                                            |
| Chuy (Rocha) . . . . .                  | Leão Ventura.                                                                     |
| Cineros (Florida) . . . . .             | João Maria Lopes.                                                                 |
| Concordia . . . . .                     | José Pedro da Rocha.                                                              |
| Cordeiro (Durazno) . . . . .            | Bernardino Daquerre.                                                              |
| Corrales (Taqurembó) . . . . .          | Ismael Soares da Silva.                                                           |
| Cuadé (Salto) . . . . .                 | Alexandro J. Silveira.                                                            |
| Cuchilla Negra (Salto) . . . . .        | João Jacintho Osorio.                                                             |
| D. Esteban (Payandú) . . . . .          | Amilial José de Souza.                                                            |
| Fray Bentos . . . . .                   | Luiz Mayer.                                                                       |
| Hospital (Taqurembó) . . . . .          | João Vilga.                                                                       |
| Itaqui . . . . .                        | A. Dias de Freitas Valle.                                                         |
| Jaguarão . . . . .                      | Marciano, Leão & Ca.                                                              |
| Jacuy (Salto) . . . . .                 | Salvador Jardim.                                                                  |
| Lisboa . . . . .                        | Rita & Ca. — Rua do Alecrim n. 20.                                                |
| Maldonado . . . . .                     | Silveiro da C. Pereira.                                                           |
| Marmarajá (Minas) . . . . .             | M. Montão Junior.                                                                 |
| Monte Cazoros . . . . .                 | José dos Santos Pereira.                                                          |
| Nova York . . . . .                     | Dumont & Schillit, n. 27 Park Place.                                              |
| Palma Sola (Salto) . . . . .            | David C. do Barros.                                                               |
| Paris . . . . .                         | A. Lorente—Director da Sociedade Mutua de Publicações—Avenida Santa Anna 51, bis. |
| Payandú . . . . .                       | Mariano Comas.                                                                    |
| Passo do Ramirez . . . . .              | Zeferino Ribas da Luz.                                                            |
| Pelotas . . . . .                       | João José da Silva Braga, rua General Victoriano 123.                             |
| Pernambuco . . . . .                    | Bellarmino Carneiro.                                                              |
| Polanco de Rio Negro . . . . .          | Belharhar Romero.                                                                 |
| Porto Alegre . . . . .                  | Carlos Pinto.                                                                     |
| Punta de Olimar . . . . .               | Domingo Callaba.                                                                  |
| Puntas del Pescado . . . . .            | João Callaba.                                                                     |
| Quarahim . . . . .                      | José Eduardo Pacheco de Andrade.                                                  |
| Queguay . . . . .                       | Laurindo J. da Silva.                                                             |
| Rio de Janeiro . . . . .                | Julio Rossi, casa Lacomert & Ca.                                                  |
| Rosario de Santa Fé . . . . .           | Felix Mamedo do Almeida.                                                          |
| Rio Grande . . . . .                    | Faustino Armando.                                                                 |
| Rivera . . . . .                        | José Luiz Vares.                                                                  |
| Rosario Oriental . . . . .              | Manoel Silva.                                                                     |
| Rocha . . . . .                         | Manoel J. Quadado.                                                                |
| Salto . . . . .                         | Guimaraens & Etcheverry.                                                          |
| Salto . . . . .                         | Antonio Maximo.                                                                   |
| São Vicente de Casti-<br>lhos . . . . . | Pedro Amonte.                                                                     |
| Santa Catharina . . . . .               | Hermenegildo Linhares.                                                            |
| Santa Victoria . . . . .                | Domingo E. do Amaral.                                                             |
| Santa Anna Livramento . . . . .         | J. L. Vares.                                                                      |
| São Borja . . . . .                     | José Aquino dos Santos.                                                           |
| São Eugenio . . . . .                   | José Machado.                                                                     |
| S. Paulo . . . . .                      | Octavio A. de Oliveira.                                                           |
| Tapadé (Salto) . . . . .                | José Joaquim do Souza.                                                            |
| Taqurembó . . . . .                     | Simão Soares.                                                                     |
| Tres Arvores (Paydú) . . . . .          | Raphael França.                                                                   |
| Trinta e Tres . . . . .                 | Salvador Oliveres.                                                                |
| Trinta e Tres . . . . .                 | Eufemio Buenafama.                                                                |
| Tornero (Florida) . . . . .             | Baldino Lima.                                                                     |
| Uruguayana . . . . .                    | João Ribeiro do Farias Guimaraens.                                                |
| Valparaíso . . . . .                    | Eug. dos Santos Paiva.                                                            |

## A PATRIA

MONTEVIDEO, 1 DE NOVEMBRO DE 1883

### Luctuoso anniversario

Fazem trez annos que o Brasil perdeu um de seus grandes homens. N'um dia como o de hoje José Maria da Silva Paranhos cerrava os olhos á luz da vida e tombava como o rubio ferido pelo fogo do céu.

O anjo da morte ajeitando em torno de seu leito de dôr depuchava-lhe na iluminação a fronte o osculo de gelo, e d'esse contacto de labios que matam, vovava uma alma para o céu, um nome para a historia e um pouco de pó para a sepultura.

O pó foi profanado pelos vermes; na noite sombria e subterranea multiplicou-se a vida em seres quasi microscopicos, imundos, que irromperam da materia, devoraram a mortella, levando em si immensamente fraccionadas as formas do colosso. Por fim esses pequenos trabalhadores da treva e da podridão consummarão a sua tarefa de aniquilamento e, por sua vez, desapareceram deixando uma ossamenta desarticulada, para que o tempo, outro verme destruidor, complete a obra do nada roendo com o dente dos seculos os despojos mais resistentes do homem.

Mas, cousa sublimel em quanto a materialidade se desfaz nas conspirações nihilistas do tumulo, ha uma cousa que não pode ser pó que os vermes não conseguem devorar: é o espirito.

Com effeito o espirito de Paranhos vive, mas vive a vida da historia e da liberdade, que são as mysteriosas manifestações da eternidade no tempo. Se um dia esses lagos de luz se desastasssem e o mundo se despenhasse no cahos em fragmentos de massas candentes, ainda assim parece que a cada vibração ignea da materia esparsa e inflamada, esse espirito associado aos de Franklin, Washington e Abraham Lincoln passaria no effluvio impalpavel do S. nhor um novo fútil do qual irrompesse um novo mundo com uma outra America, onde pudesse ser guardada, como n'um colossal tabernaculo, a sacrosanta liberdade.

Não ha hyperbole que não nos pareça possivel tratando-se de homens que foram no nosso continente os emancipadores da dignidade humana, e de homens que fizeram noções e cidadãos, arrancando aquellas da tyrannia secular das metropoles e estes dos ergastulos ignominiosos do servilismo.

A uia luminosa gloria de Paranhos não está simplesmente em ter libertado o ventre da mulher escrava e em remissão gradual do individuo degradado na condição servil. A lei de 23 de Setembro tem alguma cousa que signifique uma reivindicação dos attributos da essencia do homem, isto é, não diz somente no escravato: *serás livre*, sendo que lhe diz: *serás também cidadão*. Isto explica que não se limitou a dar-lhe o espaço, que alaz lhe pertencia, a emancipar-lhe a vontade, a razão, a intelligencia, emfim todas as nobresas que nasceram com elle; entregou-o aos seus proprios destinos, advertindo-o de que ha escolas em que deve ir alimentar-se do pão da intelligencia e que tem direitos cujo exercicio ninguém lhe poderia vedar.

Não é pouco que o braço senhoreal se visse desarmado do infamante látigo; que o tronco e a gargalhada cahissem em pedacos como pequenas Bastilhas calcadas pela civilização triumphante; também não é pouco ter-se feito do escravato, ter-se-lhe innoculado na intelligencia a luz da instrução; n'esse pouco está entretanto o muito e esse pouco é o facto de se haver conseguido a redenção do escravo sem effusão de sangue, sem catastrophes civis, iguaes ás que lançaram os Estados Unidos n'uma luta fratricida.

O Visconde do Rio Branco teve o sublimis instincto da previdencia ao organizar a Lei de S. Setembro, esse monumento legislativo que consultou a um tempo a liberdade, a civilização e o aperfeiçoamento do trabalho nacional, preparando a este ultimo uma evolução que o entregaria gradualmente ás forças intelligentes do braço livre, sem alteração da ordem, sem as convulsões incandescentes dos interesses que expiram o elemento automatico da escravidão e no qual o homem é reduzido a confictio de estúpida máquina.

Paranhos vive n'essa lei; em cada artigo do valioso padrão do legislador ha edaços de sua vida, palpitações da seu genio fecundo, uniões de patriotismo e de liberdade, formando uma individualidade espiritual, sobrevivente á que se atulou na ecuridade da tumba, e que deixou a patria em inconsolavel viveza.

E que os grandes homens nunca morrem: pagam á natureza o seu tributo de póeira, mas vão occupar espiritualmente o seu lugar na historia dos povos aos quaes pertencem, como patrimonios que são das nacionalidades.

Neste dia de luto e dolorosas recordações para todos os brasileiros *A Patria* de hoje, uma corda de saudade no tumulo do heróico, que em vida se chamou José Maria da Silva Paranhos.

Paz a seus manes na tumba gloriosa seu nome na historia!

## CORRESPONDENCIA

Paris  
4 de Outubro de 1883.

Sr. Director da Patria.

Estamos atravessando aqui essa séra de difficuldades de que fallava Gambetta antes de morrer. Algumas centenas de parisienses—alguns milhares, para fallar com mais exactidão—mais dotados de paixão do que de razão, deram assobios no rei da Hespanha quando chegou a Paris, Cahiram assim na cidade que lhes preparou o Principe e Bismarck quando conferio ao joven Affonso XII o titulo de coronel honorario de um regimento de hulanos, pois o chancelier sabia muito bem que, procedendo desse modo, feria profundamente o amor-proprio dos francezes, e contava com alguma manifestação hostil ao rei, que lhe desse ao para bradar contra a França: Eis ahi o que os parisienses não comprehendem; não sentiram que era melhor responder a essa provocação pelo silencio que muitas vezes é mais desdenhoso que os gritos e mais eloquente do que as acriminias. Os principaes orgãos da imprensa estrangeira não perderam a occasião para pregar sermões e condemnar redondamente a França, como se a França se incarnasse em um magote de manifestantes radicais. O que ha mais para lastimar é ver, e ouvir as folhas monarchicas francezas ultrajarem toda a população parisiense, cuspirem insultos na cara da democracia, accusarem a Republica em termos offiosos, e prophetisarem, desajando mesmo o regresso triumphal a Paris de Affonso XII, sobre as ruínas da Republica, por prílo de qualquer catastrophe que seja. O bonapartista Paulo de Cassagnac vai ainda mais adiante: dirige uma verdadeira invocação aos reis estrangeiros para que invadam a França, á frente dos seus exercitos, assim, diz elle, de livrarem a Europa desta immunda cloaca: *que se inutula Republica*. Nunca se viu tanto odio baixo e tal ausencia do patriotismo.

O que ha mais grave ainda é que esse lastimoso episodio veio mostrar aos mais ergos a divisão aguda e violenta que lava no partido republicano desde que baqueou o ministerio Gambetta em Janeiro do anno passado. As mais extravagantes allegações cruzam-se de uma e outra parte, tendo por fim rejutar a responsabilidade dos assos: até os ministros, até o Sr. Wilson (genro do Sr. Grévy) e mesmo até o presidente da Republica, que deixou de ser poupado. As folhas ministeriaes e os jornaes da opposição travaram luta de morte, e em vez de rectificações, dirigem uns aos outros notas vibrantes como bofetadas. O *Temps*, o grave *Temps*, é o jornal que tem sido mais maltratado neste debate. Com effeito, esse jornal sizoado affirmára que todos esses incidentes seriam evitados se, como era seu desejo, o rei da Hespanha visitasse oficialmente a França antes de seguir para a Alemanha; mas como o Sr. Grévy, presidente da Republica, não quiz incommodar-se vindo a Paris do seu castello de Mont-cus-Vandrey para onde retirara-se durante as férias. Ora, as folhas officiosas da Presidencia, e, com especialidade a *Patrie*, affirmam que o Sr. Grévy nunca teve conhecimento da intenção do rei da Hespanha, que, portanto, não se negou a vir a Paris, e que foi o ministerio que concordou com a sua visita de Affonso XII só se effectuasse no regressar elle da Alemanha. Também correu o boato de que o Sr. Grévy não queria ir, a 23 de Setembro, receber em pessoa a Affonso XII em Paris, e que só se resignou perante as ameaças do Sr. Ferry, que declarara retirar-se no caso em que o Presidente da Republica não fosse á estação.

De mais, naquella dia fatal, tudo andou mal. Na estação, as tropas não fizeram continencia ao apertar-se o presidente da Republica. Os jornaes do Sr. Grévy queixaram-se desse descauto; as folhas ministeriaes responderam que assim se procederia por ordem do proprio presidente da Republica. Ora, as folhas amigas do Elysee asseveram que o presidente da Republica nunca foi consultado a tal respeito. Emfim, nota-se um facto curioso. Nesta circumstancia, o Sr. Julio Ferry tem sido vigorosamente defendido por varias folhas monarchicas, principiando pelo *Figaro*.

Todos esses factos (sem fallar da questão do Tonquim) annunciam uma sessão parlamentar tempestuosa. Quem vencerá? O ministerio Ferry, ou os seus adversarios, á cuja frente collocou-se o Sr. Wilson, genro do presidente da Republica? Contra o Sr. Wilson é que estão dirigidas todas as baterias opportunistas. O presidente do conselho de ministros até chegou a pedir que esse cavalheiro deixasse de residir no palacio do Elysee, e os jornaes ministeriaes não cessam de atacar-o até em um acto de vida privada.

Assim, pois, a viagem do rei da Hespanha a Paris teve como resultado augmentar a popularidade de Affonso XII nos seus Estados e de promover uma crise ministerial em França. A Hespanha tem sido sempre fatal á França. Foi por causa della que se declarou a guerra de 1870. E por causa della que a França está sendo coberta de baldões pela imprensa do mundo inteiro.

Dr. J. P. Nolasco.

## ACTUALIDADE

Tong-King-Sing  
MOTIVOS DE SUA VIAGEM

### Impressões e idéas sobre o commercio brasileiro

Um dos redactores d'esta folha procurou hontem, no Grande Hotel, este personagem, que alli se acha hospedado.

Tong-King-Sing não tem, como erradamente disseram alguns jornaes, nenhuma missão diplomatica.

É um rico negociante de Shanghai, que actualmente vive em Tien-Tsin, vindo até Shanghai regularmente uma vez por anno para o balanço da sua casa de commercio, para inspecionar os seus numerosos agentes, receber as contas das suas minas, e, sobre tudo, para occupar-se dos negocios da Companhia Chinesa de Navegação entre os portos da China e Liverpool, empresa que tem 45 grandes paquetes e da qual Tong-King-Sing é o director presidente.

Educado n'um collegio dirigido por Professores britannicos, falla o Inglez perfeitamente e as suas manieiras, cerimoniaes como as de todos os orientaes, tem o cunho da mais perfeita delicadeza.

Accompanha-o Mr. Butler, um cidadão norte-americano, homem do côr, que, vivendo ha muitos annos na China, falla perfeitamente a lingua do paiz, assim como o francez, o italiano, o allemão e o hespanhol, o quod á muito realça a sua fina educação e a extraordinaria intelligencia a que deve haver assumido importante posição no commercio de Shanghai, sendo um dos principaes accionistas da empresa de que é presidente Tong-King-Sing.

O negro americano tem todas as requintes da elegancia parisiense, um tanto destoida no seu demasiado amor ás joias, os breloques e ás cores vivas.

Tong-King-Sing conserva, apesar de suas similhanças europeas, o commoço costume nacional, a cauda tradicional, a túnica de seda com botões d'ouro e os sapatos de sola de lã e o burreto preto com um tope vermelho, insignia da classe letrada.

A conversação teve, naturalmente, de versar sobre o fim da viagem dos dois estrangeiros ao Brasil: a introdução de colonos chins.

Tong-King-Sing mostrou-se agradavelmente surpreendido com o clima que tem encontrado. Na Europa disseram-lhe que o calor no Brasil excedia o da costa d'Africa e que a sua insubridade tornava-o fatal aos estrangeiros. No entanto, a temperatura que tem experimentado aproxima-se muito da commum no sul da China e n'esta similhança vê Tong-King-Sing mais uma facilidade para a acclimação dos chins no Brasil.

Por occasião de uma referencia a declaração que fizera em Londres a uma commissão da *Anti-Slavery Society*, de que não concorreria para a vinda dos chins a não terem estes garantias materiaes de protecção, disse que, na realidade, affirmára a mesma commissão que não queria estabelecer a escravidão dos chins no Brasil. As garantias materiaes da que fállo devem ser entendidas como as que hão de decorrer de inspecção que agentes escrupulosos exercerão nos portos chins, da presença de representantes honestos no Rio de Janeiro, da observancia do tratado chino-brasileiro, e da vigilancia que aqui exercerá uma legação chineza ou um consulado geral, como melhor entender o governo do Pekin.

Mostrou-se disposto a ver exaggerações infundadas na linguagem da imprensa ingleza em relação a vida dos chins para o Brasil. Já verificou que a escravidão está expirante; que as fazendas onde os chins terão de trabalhar, estão a beira das estradas de ferro; que ha segurança individual; que um governo estavel e que outros progressos do paiz autorizam-no a não acreditar na possibilidade da escravização dos chins.

Demais, opposto ás absolutamente repetições dos abusos que deram-se como o Perú, para onde foram chins enganados e violentados, quer que elles tenham livre e espontaneamente para o Brasil, estranhando apenas que os Inglezes opponham-se a que os chins usem da sua liberdade, como bem lhes aprouver. O zelo britannico pela protecção e pela liberdade dos chins tem-se demetido mais de uma vez. Tem cartas do governador da Guyana Ingleza propondo-lhe um contrato para a introdução de chins n'aquella colonia, o que prova que o governo da Inglaterra não está de accordo com os temores da *Anti-Slavery Society*.

O seu interesse, como presidente da Companhia de Navegação, é que esta tenha passageiros e mercadorias para carregar entre a China e o Brasil.

Se os chins encaminharem-se para o Brasil, como trabalhadores, terá a companhia grande numero de passageiros para a para cá e as mercadorias chinezas, hoje importadas no Brasil por via da Europa, aqui chegarão muito mais baratas vindo directamente, e isto fará augmentar o consumo d'ellas, em proveito do commercio do Celeste Imperio.

Não basta, porém, isto; a viagem de Tong-King-Sing tem por objecto assegurar-se de quaes os productos brasileiros susceptiveis de encontrarem mercado na China e com os quaes os vapores da companhia possam voltar carregados para o porto da partida. Pelo que tem visto, até agora, parece-lhe que offereça vantagem immediata e visivel a

exportação, para a China, do algodão em rama e de muitas das nossas madeiras. A China importa grande quantidade de algodão do Brasil e paga-o muito caro. Conhece que a produção do Brasil é pequena, mas está que aberto o mercado da China, a cultura da preciosa fibra ha de se desenvolver muito, com vantagem para o paiz, que, na depreciação actual do café, sofre uma das muitas desvantagens de ter uma cultura exclusiva.

Em futuro um pouco remoto vê também a probabilidade do estabelecimento de um importante commercio da borracha, que ha de ser muito procurada na China, quando ali adoptarem as machinas e tiverem desenvolvimento scientifico todas as industrias.

Accredita também Tong-King-Sing que a importação do fumo brasileiro na China póde ser commercio lucrativo. O fumo do tabaco está já ali completamente generalizado e os chins importam-no das ilhas Philipinas, já em folhas, já sob a forma de charutos fabricados em Manila.

Este fumo, que é de qualidade muito inferior ao do Brasil, é muito fraco e, por ser pequena a sua produção, é pago por alto preço.

O fumo brasileiro póde substituir o com vantagem.

Em relação ao café, não crê que o uso d'esta bebida jamais generalize-se no seu paiz. Os proprios chins, que viajam no estrangeiro e os que estão em constante contacto com os europeus, não o adoptam.

A pequena colonia estrangeira dos portos e os poucos consumidores chins que houver terão de, naturalmente, suprir-se em Java, cujo café sem entrar-se na questão da sua superioridade sobre o do Brasil, tem, desde já, a vantagem de ser trazido de multissimo mais perto.

N'este ponto, a manieira positiva e fria com que o negociante celestial encorrou a questão, esteve em completa divergencia do modo de ver do yankee empreheendedor e audacioso como é Mr. Butler. Deste este cavalheiro que, para elle, não considera trabalho perdido o que emigrar-se na tentativa de intro luzir, na China, o uso do café. Tenciona mesmo fazer a experiencia, Nas docas da *China Merchants Steam Ship Company*, em Shanghai, emrga esta perto de quatro mil operarios, que trabalham noite e dia na carga e na descarga.

Costuma dar-lhe, nas noites frias de inverno, chá e gin a discricao. Está resolvido Mr. Butler a supprir o gin e substituí-lo pelo café. Conhece as propriedades estimulantes d'esta bebida e está certo da que em breve tempo, hão de adoptar-na os trabalhadores com os quaes formará já um nucleo de consumidores que irá alargando-se.

E, se algum dia generalizar-se o uso do café na China, nunca o Brasil poderá produzir-o em quantidade superior á procura. Encarando depois o caso sob uma face humanitaria, julga até philantropica a propaganda, pois vê no café um correctivo para o uso do opio.

A perspectiva que Mr. Butler deixa entrever é, sem duvida, lisonjeira, mas parece mais pratico modo do ver que adoptou Tong-King-Sing.

Desenvolvendo mais as suas idéas sobre a Companhia de Navegação Chinesa, o seu presidente disse que, a não ser possivel encontrar no Brasil fretos de algodão, madeiras, fumo ou outros productos para a China, os vapores terão de voltar pela Europa ou de ir ao largo dos Estados Unidos em procura de cargas, e que isto, augmentando as despesas, obrigará a companhia, não somente a elevar os seus fretes, como a cobrar também dos trabalhadores chins passagens por preços que hão de tornar custosa a sua vinda.

Perguntado se tinha alguma intenção de solicitar do governo brasileiro, ou do governo chin, alguma subvenção, como em todos os paizes têm as grandes companhias de vapores, disse Tong-King-Sing que, innegavelmente, este auxilio lhe será indispensavel, pelo menos, nos primeiros tempos. Pensa, porém, que seria mais conveniente para todos receber a companhia esta subvenção de qualqer empresa composta de particulares directamente interessados na materia, do que do governo brasileiro.

Em seguida, indagando da condição dos colonos europeus nas nossas fazendas, disse que valia visitar algumas da provincia de S. Paulo. Perguntou depois se, incumbindo-se os trabalhadores chins de tratar das calezas, tendo casas, terreno para a cultura de generos alimenticios, não tendo horas certas de serviço, depois de feita a colheita, os proprietarios poriam duvida em pagar-lhes um terço do valor da mesma colheita. Informado que em geral os fazendeiros que têm colonos pagam-lhes metade desse valor, disse:—Está então demonstrada a vantagem, para os senhores, do trabalho chin.

Promettendo communicar-nos as impressões que lhe causarem as fazendas que vai visitar, terminou a conversação e já, na despedida, repetiu:

Este certo de que não serão os jornaes Inglezes que hão de impedir-nos de ver as cousas com imparcialidade, e de tomar resoluções vantajosas para os trabalhadores e para os que o contratarem.

(Do Correio Paulistano.)

## Exposição de Amsterdam (Do Journal du Commerce)

De varias cartas e documentos que nos foram communicados, extrahimos as seguintes informações a respeito da secção brasileira na Exposição de Amsterdam onde apparecemos de modo digno, graças aos esforços incessantes do Centro da Lavoura e do Commercio. O nosso correspondente especial, de quem publicamos hoje segunda carta, tem de occupar-se mais detidamente deste importante assumpto.

A secção brasileira occupa uma superficie de 140 metros quadrados; a ornamentação é simples, mas elegante, e o bom gosto, com que foram dispostos os varios grupos de productos, causa agradável impressão. Bandeiras brasileiras e escudos com as armas do Imperio indicam os limites da secção.

A commissão brasileira, de que fazem parte os Srs. Eduardo de Lemos e Fernando Rottenborg, aquelle concluido commerciante e este antigo corrector de café, conhecidos e estimados nesta praça empunham toda a bon vontade para que a exposição desse uma idéa tão exacta quanto possivel das riquezas do nosso paiz.

O café occupa naturalmente o lugar mais importante na secção brasileira o atrahio principalmente a attenção dos visitantes. O precioso grão foi exposto em grandes frascos de vidro, que permittem apreciar-se-lhe a côr, o tamanho, a regularidade e o grau de limpeza e beneficiamento.

Magnificas collecções de mineras e de madeiras produzem admiravel effeito e chamam as vistas de todos.

As amostras de assucar, de mate, do fumo bruto e trabalhado, de algodão, do borracho, e outros productos do Pará, do extracto de carne do Mato-Grosso; as flores de penna de Mlle Naté, os mapas do Brasil e as photographias de varios sitios do Rio de Janeiro são frequentes e longamente examinados e admirados.

Tendo recebido do Centro da Lavoura 25 caixas de café torrado e 25 saccas de café para distribuir, a commissão resolveu dar-o de presente em pequenos pacotes de papel com letrados indicativos da procedencia do genero, calculando que poderia distribuir de oito a dez mil amostras.

Não sendo permitido fogo no edificio da exposição foi impossivel a commissão offerecer o café em caixetas como projectado. Por isto a maior parte do café, molido foi offerecido ao Sr. E. Agostini, commissario geral da exposição, aos representantes da imprensa, aos corretores e negociantes de café.

A commissão encarregada da secção brasileira, apenas ficou constituída, foi apresentada ao Sr. E. Agostini, commissario geral, e assistiu a todas as sessões officiaes e ás reuniões dos commissarios. O Sr. D. Cordes, presidente da exposição, e P. Pils, presidente da secção colonial, trataram com a maior consideração e amabilidade a commissão brasileira. No jury, que tem de julgar do merecimento dos productos expostos o Brasil terá um jurado e um supplente. O Sr. P. Rottenborg accitou o primeiro destes cargos.

A imprensa occupou-se extensamente com a secção brasileira e especialmente com o nosso café.

A *Amsterdammer* de 30 de Maio publicou o seguinte:

«Entre as diversas exposições, e particularmente entre as dos paizes tropicaes, a secção brasileira occupa o primeiro lugar. No meio da galeria lateral, por detras dos preciosos armarios envidraçados cheios dos relógios da Suíça, e diante da secção do Transvaal, o Brasil atrahio logo a attenção graças ás cores vivas das suas ricas collecções de plantas e de insectos. Em redor destas collecções estão dispostas de maneira elegante e em grande numero amostras de café, assucar, fumo, algodão, borracho, mate, mineras e cerca de 160 variedades de madeira. O café, representado por um milheiro de amostras, é o mais importante artigo da exportação do Brasil. A quarta parte da superficie total do Imperio offerece condições favoraveis para o cultivo do café, cuja exportação annual sobe a 300 milhoes de kilos, correspondendo em 1882 a 120 milhoes de florins.

«Este rico paiz produz ainda muitos outros artigos de grande valor. O assucar, de que acham-se expostas umas 100 amostras, forneceu á exposição de 1882 cerca de 200 milhoes de kilos no valor de 25 milhoes de florins; o algodão, de que vimos uns doze tipos, deu approximadamente 200 000 lardos. Cincoenta amostras dão idéa da boa qualidade dos fumos brasileiros.

«Qual a importancia commercial da borracha dil-o claramente o valor de sua exportação, que em 1882 elevou-se a 20 milhoes de florins para os Estados Unidos e a 18 milhoes para a Europa.

«Nem devem ficar esquecidos outros artigos, posto que menos importantes, tes como a quina, as castanhas, o cácao, a buniilha, etc., além da rica collecção de 183 especies de mineras expostas pelo museu do Rio de Janeiro e as 80 amostras de mate, que póde substituir o chá e o café e que é principalmente exportado para Montevideo e Buenos Aires.

«Uma collecção esplendida de pennas, de flores e de insectos admiraveis e raros, chama especialmente a attenção das senhoras que visitam a secção brasileira.







**Lei de 12 de Julho de 1856**

**Lista geral da loteria extrahida em 31 de OUTUBRO de 1883**

Nota grande: 20.000 peças metálicas—Os bilhetes são lithographados em papel verde, tinta azul, numeração e sellos pretos, com a inscripção de 31 de Outubro de 1883

[illegible]

2308. . . . 15 3646 . . . . 15 5000 . . . . 15 5637 . . . . 15 6276 . . . . 15 7347 . . . . 15 8423 . . . . 15 9500 . . . . 15 10637 . . . . 15 11716 . . . . 15 12800 . . . . 15 13879 . . . . 15 14963 . . . . 15 16046 . . . . 15 17130 . . . . 15 18214 . . . . 15 19297 . . . . 15 20380 . . . . 15 21464 . . . . 15 22547 . . . . 15 23630 . . . . 15 24714 . . . . 15 25797 . . . . 15 26880 . . . . 15 27964 . . . . 15 29047 . . . . 15 30130 . . . . 15 31214 . . . . 15 32297 . . . . 15 33380 . . . . 15 34464 . . . . 15 35547 . . . . 15 36630 . . . . 15 37714 . . . . 15 38797 . . . . 15 39880 . . . . 15 40964 . . . . 15 42047 . . . . 15 43130 . . . . 15 44214 . . . . 15 45297 . . . . 15 46380 . . . . 15 47464 . . . . 15 48547 . . . . 15 49630 . . . . 15 50714 . . . . 15 51797 . . . . 15 52880 . . . . 15 53964 . . . . 15 55047 . . . . 15 56130 . . . . 15 57214 . . . . 15 58297 . . . . 15 59380 . . . . 15 60464 . . . . 15 61547 . . . . 15 62630 . . . . 15 63714 . . . . 15 64797 . . . . 15 65880 . . . . 15 66964 . . . . 15 68047 . . . . 15 69130 . . . . 15 70214 . . . . 15 71297 . . . . 15 72380 . . . . 15 73464 . . . . 15 74547 . . . . 15 75630 . . . . 15 76714 . . . . 15 77797 . . . . 15 78880 . . . . 15 79964 . . . . 15 81047 . . . . 15 82130 . . . . 15 83214 . . . . 15 84297 . . . . 15 85380 . . . . 15 86464 . . . . 15 87547 . . . . 15 88630 . . . . 15 89714 . . . . 15 90797 . . . . 15 91880 . . . . 15 92964 . . . . 15 94047 . . . . 15 95130 . . . . 15 96214 . . . . 15 97297 . . . . 15 98380 . . . . 15 99464 . . . . 15 100300 . . . . 15 101383 . . . . 15 102466 . . . . 15 103549 . . . . 15 104632 . . . . 15 105715 . . . . 15 106798 . . . . 15 107881 . . . . 15 108964 . . . . 15 110047 . . . . 15 111130 . . . . 15 112213 . . . . 15 113296 . . . . 15 114379 . . . . 15 115462 . . . . 15 116545 . . . . 15 117628 . . . . 15 118711 . . . . 15 119794 . . . . 15 120877 . . . . 15 121960 . . . . 15 123043 . . . . 15 124126 . . . . 15 125209 . . . . 15 126292 . . . . 15 127375 . . . . 15 128458 . . . . 15 129541 . . . . 15 130624 . . . . 15 131707 . . . . 15 132790 . . . . 15 133873 . . . . 15 134956 . . . . 15 136039 . . . . 15 137122 . . . . 15 138205 . . . . 15 139288 . . . . 15 140371 . . . . 15 141454 . . . . 15 142537 . . . . 15 143620 . . . . 15 144703 . . . . 15 145786 . . . . 15 146869 . . . . 15 147952 . . . . 15 149035 . . . . 15 150118 . . . . 15 151201 . . . . 15 152284 . . . . 15 153367 . . . . 15 154450 . . . . 15 155533 . . . . 15 156616 . . . . 15 157699 . . . . 15 158782 . . . . 15 159865 . . . . 15 160948 . . . . 15 162031 . . . . 15 163114 . . . . 15 164197 . . . . 15 165280 . . . . 15 166363 . . . . 15 167446 . . . . 15 168529 . . . . 15 169612 . . . . 15 170695 . . . . 15 171778 . . . . 15 172861 . . . . 15 173944 . . . . 15 175027 . . . . 15 176110 . . . . 15 177193 . . . . 15 178276 . . . . 15 179359 . . . . 15 180442 . . . . 15 181525 . . . . 15 182608 . . . . 15 183691 . . . . 15 184774 . . . . 15 185857 . . . . 15 186940 . . . . 15 188023 . . . . 15 189106 . . . . 15 190189 . . . . 15 191272 . . . . 15 192355 . . . . 15 193438 . . . . 15 194521 . . . . 15 195604 . . . . 15 196687 . . . . 15 197770 . . . . 15 198853 . . . . 15 199936 . . . . 15 201019 . . . . 15 202102 . . . . 15 203185 . . . . 15 204268 . . . . 15 205351 . . . . 15 206434 . . . . 15 207517 . . . . 15 208600 . . . . 15 209683 . . . . 15 210766 . . . . 15 211849 . . . . 15 212932 . . . . 15 214015 . . . . 15 215098 . . . . 15 216181 . . . . 15 217264 . . . . 15 218347 . . . . 15 219430 . . . . 15 220513 . . . . 15 221596 . . . . 15 222679 . . . . 15 223762 . . . . 15 224845 . . . . 15 225928 . . . . 15 227011 . . . . 15 228094 . . . . 15 229177 . . . . 15 230260 . . . . 15 231343 . . . . 15 232426 . . . . 15 233509 . . . . 15 234592 . . . . 15 235675 . . . . 15 236758 . . . . 15 237841 . . . . 15 238924 . . . . 15 240007 . . . . 15 241090 . . . . 15 242173 . . . . 15 243256 . . . . 15 244339 . . . . 15 245422 . . . . 15 246505 . . . . 15 247588 . . . . 15 248671 . . . . 15 249754 . . . . 15 250837 . . . . 15 251920 . . . . 15 253003 . . . . 15 254086 . . . . 15 255169 . . . . 15 256252 . . . . 15 257335 . . . . 15 258418 . . . . 15 259501 . . . . 15 260584 . . . . 15 261667 . . . . 15 262750 . . . . 15 263833 . . . . 15 264916 . . . . 15 266000 . . . . 15 267083 . . . . 15 268166 . . . . 15 269249 . . . . 15 270332 . . . . 15 271415 . . . . 15 272498 . . . . 15 273581 . . . . 15 274664 . . . . 15 275747 . . . . 15 276830 . . . . 15 277913 . . . . 15 279000 . . . . 15 280083 . . . . 15 281166 . . . . 15 282249 . . . . 15 283332 . . . . 15 284415 . . . . 15 285498 . . . . 15 286581 . . . . 15 287664 . . . . 15 288747 . . . . 15 289830 . . . . 15 290913 . . . . 15 292000 . . . . 15 293083 . . . . 15 294166 . . . . 15 295249 . . . . 15 296332 . . . . 15 297415 . . . . 15 298500 . . . . 15 299583 . . . . 15 300666 . . . . 15 301749 . . . . 15 302832 . . . . 15 303915 . . . . 15 305000 . . . . 15 306083 . . . . 15 307166 . . . . 15 308249 . . . . 15 309332 . . . . 15 310415 . . . . 15 311500 . . . . 15 312583 . . . . 15 313666 . . . . 15 314749 . . . . 15 315832 . . . . 15 316915 . . . . 15 318000 . . . . 15 319083 . . . . 15 320166 . . . . 15 321249 . . . . 15 322332 . . . . 15 323415 . . . . 15 324500 . . . . 15 325583 .